

ENSAIO SOBRE O *FAKE*: IDENTIDADE E RECONHECIMENTO EM UMA ESFERA PÚBLICA ORKUTIANA¹

Rafael de Almeida Ávila Lobo²

Resumo

Este artigo tem por finalidade analisar, através de um estudo de caso, como uma identidade tem sido construída dialogicamente em uma esfera pública. Procuraremos enxergar como tem se dado a construção do reconhecimento dessa identidade e quais as dinâmicas da esfera pública que, a propósito, é composta por pessoas que partilham aquela identidade. A identidade que estamos tratando é o *fake* e a esfera pública é uma comunidade do Orkut composta por esses, a *Espaço Crítica Fake*. Nosso objetivo é apreender essa identidade, os seus processos dialógicos de construção e reconhecimento em meio a uma esfera pública virtual de conversação civil.

Palavras-chave: Esfera Pública; reconhecimento; identidade; *fake*; Orkut

INTRODUÇÃO

No campo da cibercultura são debatidas diversas formas de vivências *on-line*. Esse artigo parte de um caso em que os internautas estão discutindo e conformando, em uma esfera pública *on-line*, a identidade que os agregam problematizando a construção dessa e do seu reconhecimento enquanto parte da vida *on-line*. Nesse sentido, iremos trabalhar com os perfis *fakes* do Orkut que participam da comunidade *Espaço crítica fake*, comunidade esta destinada à discussão da vida social no Orkut e do que vem a ser a identidade *fake*. Desse modo, para empreender tal estudo utilizamos o conceito de *esfera pública* em Habermas (1997) e as idéias de *reconhecimento e identidade* em Charles Taylor (2000)³. Do ponto de vista empírico, realizamos uma incursão netnográfica em tal comunidade onde apreendemos debates e discussões iniciadas desde 2007.

O exercício netnográfico é uma espécie de etnografia em comunidades da Internet. Esse método, segundo Kozinets⁴ (1998), é interpretativo e faz referências diretas a Geertz⁵ (1989).

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo e Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Email: raalobo@yahoo.com.br.

³ Do primeiro autor tomaremos como base o livro “Direito e Democracia” e do segundo o “Argumentos Filosóficos”.

⁴ Apud, PEREIRA, 2007.

⁵ Idem.

Chama a atenção para a necessidade de uma total imersão do pesquisador no campo, ao ponto de ele ser reconhecido como um membro da cultura estudada. Para isso, é necessária uma “descrição densa”, assim como a compreensão da linguagem e dos símbolos dessa cultura, que deverão ser traduzidos através de uma interpretação com grande participação da subjetividade do pesquisador. Por esse motivo, lembra Kozinets, é tão importante a reflexividade na função de observador, além de um *savoir faire* interpretativo, que condiciona a qualidade de todo o trabalho de pesquisa (PEREIRA, 2007, p. 360 e 361). Portanto, criar um *fake* e adentrar ao Orkut por meio dele foi uma premissa básica dessa pesquisa.

Sendo assim, nesse trabalho tentaremos identificar algumas características dessa identidade através da apreensão dos debates constituídos numa esfera pública virtual composta pelos próprios *fakes*. Procuraremos identificar, no funcionamento dos fóruns, em que medida o reconhecimento dessa identidade se constrói e sob que dinâmica se dá. Portanto, nosso propósito não é simplesmente qualificar e definir o que vem a ser *fake*, mas sim buscar os processos de construção e reconhecimento dessa identidade entre os participantes da comunidade bem como o funcionamento dessa esfera pública.

ESFERA PÚBLICA E TEORIA DO RECONHECIMENTO

Para Habermas, a esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões. Nessa rede os fluxos comunicacionais podem ser filtrados e sintetizados a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos. Do mesmo modo que o mundo da vida tomado globalmente, a esfera pública se reproduz através do agir comunicativo, implicando apenas o domínio de uma linguagem natural; ela está em sintonia com a *compreensibilidade geral* da prática comunicativa cotidiana. A esfera pública constitui principalmente uma *estrutura comunicacional* do agir orientado pelo entendimento, a qual tem a ver com o *espaço social* gerado no agir comunicativo, não com as *funções* nem com os *conteúdos* da comunicação cotidiana (HABERMAS, 1997, p. 92). Através de redes comunicativas de conteúdos, tomadas de posição e opiniões, onde os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados a ponto de se condensarem em opiniões públicas distribuídas em temas específicos, pode-se ver a dinâmica da esfera pública. Nela, através desse agir comunicativo, o mundo da esfera

privada toma sustância e transmuda-se em ideias e opiniões públicas caracterizadas pela variação temática. Para Habermas, ela não é uma instituição, organização ou sistema, mas sim um fenômeno social elementar composto de redes comunicativas.

Entendemos a comunidade de Orkut, *Espaço crítica fake*, como uma esfera pública já que é composta, sobremaneira, de redes comunicativas, ainda que em pequena escala: poucos participantes, público pré-definido, temática pré-definida, etc. Além disso, ela é assíncronica, uma vez em que os fluxos comunicativos não se dão ao mesmo tempo, e é desterritorializada, já que se dá no ciberespaço entre indivíduos dispersos espacialmente e provavelmente socialmente distintos. Observamos nessa comunidade um intenso fluxo comunicativo: opiniões analíticas e/ou reflexivas, discussões com concordâncias e discordâncias, enquetes, embates, etc. Entretanto, nos moldes da teoria de Habermas, como relacionaríamos a esfera pública a tal comunidade do Orkut?

Vejamos, tomando a noção de esfera pública *episódica* (bares, cafés, encontros na rua, etc.), esfera pública de *presença organizada* (encontros de pais, reuniões de partidos ou congressos de igrejas) e esfera pública *abstrata*, produzida pela mídia (leitores, ouvintes e espectadores singulares e espalhados globalmente), entendemos que as comunidades do Orkut podem congrega aspectos referentes aos três tipos (HABERMAS, 2003, p. 107)⁶. Pode-se ter o encontro casual e informal no ciberespaço, pode-se ter a proposição organizada e deliberada para o debate de assuntos e temas entre os *fakes*, bem como pode haver uma espécie de *micro mídia orkutiana* composta por essa comunidade, por seus participantes bem como por outros, contribuindo na produção do que é a identidade *fake* no Orkut. Nesse trabalho exploraremos apenas as duas primeiras vias em virtude da amplitude da pesquisa e da limitação desse ensaio.

Marques (2006) argumenta em relação à Internet que, mesmo que essa às vezes possua um caráter pouco organizado, informal e sem ordem temática pré-estabelecida, pode-se propor a existência de espaços de debates não-deliberativos que conformam conversações. Para ele, a Internet pode conformar esferas públicas de *conversação civil*, caracterizadas pelos debates informais e não conclusivos. Apesar de Habermas colocar que a esfera pública é uma

⁶ Apud, MARQUES, 2006, p. 170.

estrutura comunicacional do agir orientado pelo entendimento, na Internet teríamos um contraponto. Enquanto que para aquele tal esfera busca a formação de uma vontade comum através do consenso para a tomada de decisões, na Internet, sobretudo nas comunidades do Orkut, observamos a fragmentação discursiva por meio de múltiplas vozes distintas o que complexifica os processos de tomada de decisão (se é que se propõe a isso nesse meio). No Orkut os fluxos comunicativos da esfera pública habermasiana se materializam. Primeiramente, há o espaço, ainda que virtual, onde se dão esses fluxos comunicativos (salas de bate papo tematizadas, fóruns, listas de discussão, comunidades virtuais, etc.). Além disso, esses fluxos ficam registrados em formato de texto nesses espaços e se tornam acessíveis aos participantes. É como se a esfera pública ganhasse locais que lhe dariam suporte assíncrono, desterritorializado e registrador para as discussões e conversações.

A informalidade, a casualidade, o descompromisso, a jocosidade, a banalidade e o humor desmedido, ou como diz Lemos (2007), a *despesa improdutiva*, são feições correntes nesses debates do Orkut e, apesar de existirem usuários dispostos à exposição de suas ideias e opiniões, o cenário comunicativo que encontramos na comunidade *Espaço crítica fake* nos mostra como o agir comunicativo aí não é afeito ao entendimento, mas sim à divergência, denotando por vezes um caos comunicativo. Conforme nos mostram alguns estudos de esferas públicas virtuais, a grande maioria dos participantes expressa a própria opinião, busca e disponibiliza informação sem se vincular a um debate propriamente dito (MARQUES, 2006, p. 183). Entretanto, ainda que a deliberação e o caminhar para o consenso não sejam os objetivos últimos dessas esferas, elas se conformam como esferas públicas de conversação civil, algo que consideramos semelhante à noção de esfera pública *episódica*, e, em alguns casos, semelhante à esfera pública de *presença organizada*.

Em que pese a argumentação de Habermas sobre a esfera pública, o que nos vale, por hora, é o entendimento de tal esfera como cenário da construção de identidades. Nesse sentido, numa esfera pública virtual, como as conversações informais não necessariamente direcionadas para o entendimento poderiam conformar dialogicamente uma identidade? Como se daria o processo de reconhecimento dessa identidade? Adiante retomaremos essas questões.

O vínculo entre identidade e reconhecimento perpassa pelo diálogo. Taylor considera como identidade “quem somos” e “de onde viemos”. Assim, ela é o pano de fundo contra o qual nossos gostos, desejos, opiniões e aspirações fazem sentido. Assim, se algumas das coisas que

valorizamos mais nos são acessíveis só em relação com as pessoas a quem amamos, essas pessoas se tornam parte de nossas identidades. Portanto, nossa identidade vai depender desse diálogo entre o que somos e o que as pessoas que gostamos (outro significativo) pensam de nós.

“Assim sendo, minha descoberta de minha identidade não implica uma produção minha de minha própria identidade no isolamento; significa que eu a nego por meio do diálogo, parte aberto, parte interno, com o outro. Eis por que o desenvolvimento de um ideal de identidade gerada interiormente dá uma nova importância ao reconhecimento. Minha própria identidade depende crucialmente de minhas relações dialógicas com os outros” (TAYLOR, 2000, p. 248).

A identidade não é algo decidido arbitrariamente pelo indivíduo, a sociedade que o rodeia também participa desse processo e, logo, a questão do reconhecimento tem grande relevo. Temos então que identidade e reconhecimento se vinculam. O desejo de adoção de uma identidade não significa automaticamente a expressão dessa, é preciso ver o processo de mediação e a resposta que os outros lhe darão. Nesse sentido Charles Taylor propõe a tese de que nossa identidade é moldada em parte pelo reconhecimento ou por sua ausência, frequentemente pelo reconhecimento errôneo por parte dos outros, de modo que uma pessoa ou grupo de pessoas pode sofrer reais danos, uma real distorção; se as pessoas ou sociedades ao redor deles lhes devolverem um quadro de si mesmas redutor, desmerecedor ou desprezível. Portanto a identidade não é algo que se define isoladamente, ela é dialógica. Segundo ele, “*definimos nossa identidade sempre em diálogo com as coisas que nossos outros significativos desejam ver em nós – e por vezes em luta contra essas coisas*” (TAYLOR, 2000, p. 246).

Para o autor, a idéia do reconhecimento da identidade dialogicamente construída se dá em duas vertentes: na formação da identidade e do *self* (diálogo e luta com os outros significativos), e na esfera pública (onde a política do reconhecimento ganha relevo). Adiante, a partir do caso da comunidade *Espaço crítica fake*, debateremos a ideia da esfera pública como local da construção e do reconhecimento (ou não) das identidades.

O ORKUT, OS *FAKES* E A COMUNIDADE “*ESPAÇO CRÍTICA FAKE*”

Em virtude do grande número de artigos sobre o Orkut sendo publicados recentemente, nos ausentamos de uma maior descrição e análise do mesmo. Basicamente, entendemos o Orkut como um *site* de relacionamentos interpessoais que permite a construção de um perfil – ao estilo de uma planilha com fotos e informações do seu dono – que habitará um “lugar virtual” e poderá estar conectado a outros perfis de outras pessoas sob a lógica da rede. Como vamos abordar a identidade fake no Orkut sendo gestada numa esfera pública virtual, precisamos

definir alguns conceitos. Quanto à identidade é preciso aqui delimitar dois significados que o termo pode ter. No primeiro sentido ela é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, deficiências físicas, impressões digitais, etc. No segundo, numa perspectiva mais próxima a Taylor (2000), ela é o aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo ou alguém é definitivamente reconhecível, ou conhecido. Nesse sentido, a princípio, entendo os *fakes* como perfis que escondem a identidade do controlador no primeiro sentido do termo e simulam as identidades do segundo tipo, ainda que com algum grau de aproximação ou afastamento entre o *eu* e o *fake*.

Consideramos *fake*, para essa pesquisa, aquele perfil de Orkut que se auto-declara como tal, geralmente estampando em seu perfil os dizeres (*perfil fake, sou fake, fake, etc.*). O *fake* seria um perfil que, em virtude da disponibilização de caracteres visuais e descritivos em uma planilha *on-line*, a priori não poderia ser atribuído à pessoa que o controla/possui. Entretanto, nem todos os perfis que não conseguimos identificar o usuário/controlador são *fakes*. Há muitas pessoas que apenas preferem não se expor no Orkut e utilizam de diversos artifícios para tal (não colocar foto, colocar uma foto que não seja a dele, colocar apelido ao invés do nome, restringir a descrição pessoal, etc.). E como estamos tratando o “ser *fake*” como uma identidade, ou seja, como uma forma de ser própria, como aspectos compartilháveis que dão reconhecimento a essa forma de ser no Orkut, nós consideraremos apenas os perfis que se entendem como tal, que desejam ser assim e que assumem abertamente a condição *fake*. Mais especificamente, focaremos os auto-declarados *fakes* da comunidade *Espaço crítica fake*. Em observação netnográfica nessa comunidade no dia 16 de novembro de 2008, contabilizamos 1486 membros, 61 fóruns de discussão e 1650 postagens distribuídas nesses.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA ESFERA PÚBLICA VIRTUAL

Da análise dos debates na comunidade *Espaço crítica fake*, em geral, podemos perceber que os *fakes* em sua maioria estão se manifestando ali sem interpretar. Ou seja, sem atuarem como o personagem de seus *fakes* eles estão deixando suas opiniões, tentando analisar, desabafar e discutir a vida orkutiana *fake*. Em geral clamam pelos bons tempos da vida *fake* que passou: um tempo nostálgico, onde estes respeitavam regras de convivência, etiqueta e tinham “modos”. De acordo com os próprios, o mundo deles era menos caótico. Clama-se pelo *fake*

de antigamente onde o propósito básico era a conversação pela conversação, passar o tempo interagindo, entretendo-se, divertindo-se, fingindo ser, ou como dissemos anteriormente, simulando identidades. Em contrapartida, alguns aludem para o fato de que a riqueza do mundo *fake* é justamente o fato dele ter se tornado enorme, caótico, diversificado e repleto de “tudo”. Clamam pela socialização irrestrita, pela liberdade de ser o que quiser no mundo *fake* e de se expressar da forma como queiram ali.

A princípio, ao construírem seus perfis *fakes* estes dão o pontapé para a construção de sua identidade, uma espécie de “eu *fake*”. Diversos participantes da comunidade enfatizaram o peso pessoal das escolhas na hora da construção do perfil: “*o perfil é de cada um, cada um faz o seu*”. Entretanto, como estão sempre em contato com o mundo *fake*, no qual estão inseridos, o reconhecimento e a resposta que os outros dão desse pontapé “individual” do perfil – que entendemos que representaria a identidade do fake – pode provocar situações que Taylor descreveu em seu *Argumentos Filosóficos* (2000): distorção, dano, redução, desmerecimento, desprezo, dentre outros. Assim, as identidades dentro da identidade maior do mundo *fake* são construídas também dialogicamente e corroboram o quadro que o autor descreve para as situações da vida em sociedade. Em outros termos, a construção da identidade do perfil *fake* inicia-se com a montagem individual desse (às vezes há ajuda de outros fakes) e no decorrer da interação a *sociedade fake* (os *não-fakes* do Orkut também atuam aqui) dá a resposta a essa identidade expressa pelo perfil classificando-o e qualificando-o, o que pode gerar segregacionismos, rivalidades, disputas, discussões, perseguições, modismos, tribalizações, etc. Isso constitui um processo que pode levar ao reconhecimento do perfil enquanto verdadeiramente *fake* (pensando em uma identidade maior) e pertencente a tal ou qual categoria/grupo/tribo/família *fake*. Além disso, a resposta que os outros dão também pode ser engendradora de reformas, mudanças e adaptações no perfil *fake*.

Alguns *fakes* têm reclamado que existem várias pessoas com muitos perfis desse tipo e que nesses não há o intuito de se desenvolver o propósito “original” e tido como básico dos *fakes*: conversação pela conversação, entretenimento, diversão descompromissada e o fingir ser. Esses estariam ali para lotarem perfis adicionando o mais que puderem os outros, bem como para buscarem status e popularidade naquele meio. O “tom” da maioria dos fóruns

basicamente era de reclamações e críticas: quanto a determinados tipos de *fakes* (emos, RBD's, HSM, importunadores)⁷; reclamações do jeito de escrever de alguns *fakes* (internetês, miguxês⁸, excesso de acentos, erros ortográficos, etc.); quanto a *fakes* inativos e/ou desinteressados na vivência *on-line* (só adicionam para aumentar a lista de amigos, buscam popularidade a todo custo); quanto a *fakes* reclamões; quanto a falsidade entre os *fakes* (relações interativas e afetivas com falsidade, vulgarização das relações orkutianas); etc. Muitas vezes esse “lado” caótico do mundo *fake* foi relacionado a possível pouca idade dos controladores desses.

Houve muita argumentação quanto a uma possível distinção qualitativa entre os *fakes* de hoje e os de antigamente. O mundo *fake* de antigamente seria bom e organizado por ser pequeno e os *fakes* não misturavam a vida *on-line* com a vida *off-line*. Já atualmente a coisa teria virado “bagunça”, disseram alguns. Os novos *fakes* misturaram o que seria a interpretação e o divertimento do “ser *fake*” com coisas da vida *off-line*, vulgarizando o mundo *fake*. Mais uma vez a questão da idade foi relacionada, sendo as pessoas mais novas culpabilizadas pelo caos. Haveria uma distinção na idade dos controladores dos *fakes* que resultaria na diferenciação entre os de antigamente (pessoas mais velhas) e os de hoje em dia (pessoas mais novas, crianças). Isso faria do mundo *fake* de antigamente um lugar melhor que o de hoje. Argumentaram também que antigamente os *fakes* interpretavam papéis e eram mais adeptos a representação de cenas onde o propósito era lúdico, mas que hoje em dia os *fakes* novos só querem interpretar o sexo ou então nada.

Em geral, encontramos nos fóruns uma idéia permeadora das diversas opiniões que alude para a existência daquilo que chamamos de *o bom uso do fake* e *o mau uso do fake*. O primeiro remontaria às bases e aos primórdios do mundo *fake* no Orkut, ou seja, interação, conversação, divertimento, representação e entretenimento coletivo e harmonioso. O segundo é o uso com intuito destrutivo, como por exemplo para espalhar vírus e mensagens

⁷ RBD significa *Rebeldes* e HSM significa *High School Musical*, o primeiro é um seriado mexicano e o segundo é americano, ambos são destinados ao público adolescente e jovem.

⁸ Nomes dados pelos próprios internautas às formas de escrita muito presentes na Internet. Por exemplo a frase “amigo, eu te adoro”, em miguxês ficaria assim “miguxo, ti dolu”.

pornográficas, promover a discórdia entre grupos de *fakes*, roubar comunidades e perfis, difamar pessoas, etc. Esse mau uso, apesar de visto por vezes como inevitável, foi tido como algo prejudicial para o mundo *fake* pois criaria e alimentaria uma má fama em torno desses.

Um dos fóruns mais bem frequentado nessa comunidade foi o que promoveu a crítica aos perfis *fakes* de pessoas desconhecidas, ou como eles mesmo chamam, os *fakes de off*. A idéia de se fazer *fake* de pessoas desconhecidas foi tida como algo sem sentido. A essência do *fake* estaria na utilização de fotos, nomes e dados de alguém famoso (artista, cantor, etc.), algo como uma homenagem. Em certa medida a crítica acabou recaindo sobre quem faz *fake de off*, ou seja, sobre o próprio *off*⁹. Muitas pessoas disseram que não gostam de *fake de off*, criticaram quem faz isso, mas não colocaram isso como um indicativo de que esses não devam existir: “*cada um faz o que quiser, eu só não vou me relacionar com eles pois os acho ridículos*”, “*eu odeio fake de off, mas deixa eles lá e eu aqui*”. Entretanto, alguns *fakes de off* se pronunciaram e criticaram seus críticos por acharem que esses não estão respeitando o direito e a liberdade de cada um ser *fake* da forma como desejar: “*não sejam intolerantes, o fake de off também é uma homenagem à alguém, só que esse alguém não é famoso*”.

Outro ponto relevante quanto às críticas e reclamações foi a questão dos modismos no mundo *fake*. A par das tentativas de se definir o que seria moda e modismo, o tom desse debate foi a crítica à construção de perfis e tipos de *fakes* levando em consideração a moda e os modismos dentro do mundo *fake*. Por exemplo, disseram que em certa época estava na moda fazer *fake* dos integrantes do grupo musical Rebeldes. Foi criticado, de certa forma, seguir modismos, entretanto, em geral, após as críticas os participantes do fórum relevavam o peso de suas batutas e amenizavam: “*cada um com sua moda, mania, estilo, jeito, vontade, só não me obriguem a gostar e ter que me relacionar com esses seguidores de modinhas*”.

Em meio a discussão sobre o sexo do *off* ou *offa* e do *fake* que esses controlam, algumas pessoas estão colocando a necessidade de distinção entre o que seria a vida *fake* e o que seria a vida *off*, propondo que não se misture as duas coisas pois isso pode gerar problemas em lidar com as emoções e com as interações no Orkut. Por exemplo, se o *off* for do sexo feminino e tiver um *fake* masculino que namora uma *fake* controlada por uma *offa*, haveria

⁹ O termo *off* designa a pessoa que está por trás do perfil de Orkut, sendo *off* masculino e *offa* feminino.

uma espécie de traição se essa *fake* descobrir que aquele namorado virtual *fake* é controlado por uma *offa*. Sob esse ponto colocaram duas questões: se é um mundo *fake*, o que importa é o *on*, ou seja, o *fake*, e não o *off* que está por trás; por outro lado, ainda que *fake*, seria uma “sacanagem” com os sentimentos do outro pois as emoções em *off* são afetadas, dizem eles. Há aí uma espécie de entrelaçamento entre a vivência *fake*, posta como também influenciadora de emoções, e a vida *off-line*. Muitos, apesar de afirmarem realizar a separação dessas, relataram experiências em que se viram misturando ambas. “*Quem quiser entrar no mundo fake tem que estar preparado para encontrar com mentiras. As pessoas podem querer se envolver, mas sabendo disso, pois se misturar as bolas, a pessoa pode se dar mal, criar uma expectativa em cima de algo que é incerto, mentiroso e por vezes falso*”.

Esse entrelaçamento do *fake* com o *off* foi detectado também por Segata em sua netnografia na comunidade de Lontras. Na ocasião ele identificou em um indivíduo uma espécie de confusão e concorrência interna no que diz respeito às formas de se comportar e de expressar suas identidades entre o seu modo *off* e seu *fake*. Ele se confundia entre participar com o seu *fake* e participar sem ele (SEGATA, 2008, p. 63 e 64). Nesse sentido, alguns participantes afirmaram que se arriscam a viver de verdade e a se envolver mais emocionalmente com o *fake*, já outros tentam preservar um distanciamento. Nesse prisma, a análise dos fóruns nos mostra que sabendo a pessoa separar o *on* do *off*, o namoro no *fake* não seria traição ao namoro *off*. Já outros alegam que no namoro *on*, usando o *fake*, há sentimentos, e a coisa assim pode se configurar traição ao namoro *off*. A ideia, apesar de reconhecerem que pode haver sentimentos rolando por meio das relações *fake*, é a que é preciso separar o que é a vida *off* e o que é a vida *on* (tida as vezes como uma brincadeira, um jogo). Esses entrelaçamentos *on* e *off* dizem respeito ao que Castells chamou de virtualidade do real. Para ele, ela é:

[...] um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (CASTELLS, 2007, p. 459).

A par das classificações surgidas no mundo *fake* (qualificados, originais, modinhas, registrados, toskos, comestíveis, depravados, crianças, etc.) as opiniões nesses fóruns têm convergido para a crítica a esse tipo de separação, pois no plano mais geral, haveria os perfis de Orkut dos *off* e os perfis *fake*. Por fim, o tom dos debates indica que classificar e tipificar

os perfis julgando-os pela aparência seria preconceito. Apesar de defenderem a idéia de que não se deve julgar o outro pelo seu perfil, vemos que isso é feito, se não, não haveria com tanta intensidade as segregações, as críticas, as ofensas, as perseguições, as calúnias e demais hostilidades entre os *fakes*. A identidade deles está sendo debatida e o tom muitas vezes não é amigável ou solidário à diferença, o campo de demarcação do que é ser *fake* é hostil. O pré-julgamento do perfil como indicativo da qualidade do *fake* é largamente utilizado e, muitas vezes, de forma bruta. De certa forma, o que ocorre é que os que se sentem atingidos pelas ondas de críticas se aproximam desse ideal de respeito à diversidade e do combate ao pré-julgamento dos perfis. Os que se sentem os verdadeiros *fakes*, os que dizem fazer o uso correto e “melhor” do mesmo, se sentem no direito de criticar toda uma leva de novos *fakes* e suas derivações com suas práticas, comportamentos e atitudes diferenciadas. Há sempre um tipo de *fake* ou uma prática que deva ser criticada. Alguns tentam se afastar dessas para que seus perfis não sejam ali enquadrados, outros tentam combater essas críticas e preconceitos ou por serem eles os criticados e/ou por defenderem a liberdade e a diversidade desse mundo. Alguns disseram que também se deva respeitar a liberdade de crítica e o direito de não contato com certos tipos de *fakes*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A RADICALIZAÇÃO DA PLURALIDADE

Como podemos observar, o mundo *fake* se mostra bastante diverso. Por vezes o tom de reclamação sobressai, sendo a liberdade exacerbada presente nesse mundo o que o estaria tornando um lugar pior. Entretanto, entendemos que o Orkut, assim como a Internet, partilha da característica *do universalismo sem totalidade*, conceito desenvolvido por Pierre Lévy. Quanto mais o ciberespaço se amplia com a “entrada” de mais pessoas, mais ele se torna “universal”, e menos o mundo informacional que aquele comporta se torna totalizável (LÉVY, 2007, p. 111).

Nessa esfera pública, as conversações entre os *fakes* não são voltadas para o consenso ou deliberação, mas caracterizam-se pelo não engajamento e pelo descompromisso. Entre os inúmeros assuntos que rolam dentro da comunidade, os *fakes* debatem regras, normas e padrões daquilo que seria o modo “certo” de ser *fake* na opinião de cada um. Por exemplo: “penso que o *fake* deveria ser assim”; “acho que *fake* que faz isso tá errado”; “odeio *fake*

que é assim". Às vezes concordam às vezes discordam e parece não haver um avanço, cada um exprime sua opinião e prevalece a liberdade de ser *fake como quiser*, ainda que diversas variações de *fakes* e comportamentos de *fakes* sejam criticados e mal vistos. Ainda que as críticas, as perseguições e demais ofensas aos *fakes* continuem entre eles, os criticáveis e condenáveis por esses debates continuam a aparecer aos montes no Orkut. Sendo assim, sendo reconhecido enquanto *fake*, as diversas identidades desmembradas são conformadas não apenas a partir do debate propositadamente acertado em esferas públicas (fenômeno que apreendemos), mas também de uma dinâmica própria de vivência *on-line* que só pudemos captar em parte.

O que ocorre a partir dos debates é que os *fakes* estabelecem reconhecimentos a alguns tipos de *fakes* e a outros são devolvidas imagens depreciadoras, redutoras e estigmatizadoras de suas identidades *fake*. Há uma linha tênue que separa os *fakes* em vários grupos que por vezes são criticados, elogiados, seguidos e detonados. Nesse processo eles passam por constantes (re)qualificações e (re)classificações onde podem sofrer modificações: "*o que era ruim pode passar a ser bom e vice e versa*", "*aquele hábito legal virou modinha e perdeu a graça*". Nesse momento, cabe-nos perguntar em que medida essas respostas às identidades *fakes*, sejam aquelas positivas ou negativas, interferem no modo de ser *fake* dos que são criticados e dos que são exaltados? Em que medida elas agem no contexto do mundo *fake*? Será que realmente conseguem promover uma desqualificação generalizada a determinados tipos de *fakes*? Será que assim são construídos modos melhores de ser *fake* com mais possibilidades de aceitação e prestígio perante os demais? Essa esfera pública é capaz de fazer isso?

Essa esfera pública que se constituiu no mundo *fake* está debatendo (por vezes não propositadamente) o que é e como deveria ser um *fake*. Alguns prezam a liberdade e preferem assumir os percalços possíveis oriundos do caos que se instala no mundo *fake*. Já outros clamam por uma ordem que venha para acabar com uma série de práticas e tipos de *fakes*. Posto isso, temos que essa esfera pública, ao contrário da proposta habermasiana, não é direcionada para o entendimento. O tom do debate não permeia um acordo, uma deliberação. Não há busca do consenso, não se tiram propostas de ação nem há votações para que algo seja feito. Como disse Marques (2006), a Internet e os fóruns como esse funcionam muito mais para a conversação civil do que para deliberações. Apesar de alguns indícios apontarem afirmativamente, não podemos afirmar com precisão que há mudança de comportamento do

fake face às críticas ou elogios, ou seja, face ao tipo de reconhecimento que recebe dos outros. Não sabemos se isso gera alguma reação prática na gestão do perfil *fake* por parte do *off* ou *offa*.

A percepção que temos é que se formos tentar criar um *fake* que escape de todas as críticas encontradas nos debates, não vamos criá-lo. O que parece ocorrer é uma tribalização dentro do mundo *fake* onde o reconhecimento e a aceitação das diversas identidades que compõem uma identidade *fake* maior se darão com mais ênfase dentro de cada tribo ou grupo *fake*. Cada grupamento de *fakes* teriam suas regras coletivas, suas redes de sociabilidade, suas comunidades e suas dinâmicas de ser.

O contato entre alguns tipos de grupos de *fakes* gera estranhamentos que marcam o não-reconhecimento da identidade daquele e conseqüentemente uma não-aceitação: “*odeio fakes de personagens de anime*”, “*odeio fakes de celebridade*”. Desses encontros, os retornos das identidades construídas pelos *fakes* muitas vezes conformam redução, desmerecimento, agressão, desprezo, estigmatização, etc. Entretanto, é possível o contato harmonioso e sadio entre *fakes*, porém, nos debates analisados, os enfoques dados pelos participantes incidiram com maior peso e freqüência quanto aos casos de não reconhecimento e não aceitação. Boa parte das reclamações do mundo *fake*, a meu ver, origina-se do fato de que ali tudo é permitido, as pessoas não precisam pagar pelos seus atos (ilícitos ou não). Tudo pode, existe muita gente disposta a fazer coisas que supostamente ninguém fez ainda e a coisa tomou dimensões que saiu do controle (algum dia se teve controle?). Vejo que essa permissividade em virtude da liberdade desmedida e da ineficiência de mecanismos coercitivos e/ou de controle, ainda que meramente morais (constrangimento perante ao grupo, perda de capital social, perda de prestígio, etc.), leva o mundo *fake* a *radicalização da pluralidade* e o torna um lugar onde a *netiqueta*¹⁰ e a ética funcionam de uma maneira particular (ou não funcionam). Muitas vezes, atrás do *fake* a pessoa se sente segura para fazer o que quiser e dane-se!

Com essa *radicalização da pluralidade* a *netiqueta* se flexibiliza, pois pode-se refazer o *fake*, criar outros, manter o anonimato, etc. Na sociedade *fake* se pode passar impune facilmente

¹⁰ Etiqueta existente em ambientes da rede, por isso “netiqueta”.

sem o peso dos freios sociais e morais. Isso, entendemos, (re)produz um mundo moralmente descontrolado, plural e caótico, em parte odiado, livre (para o bem e para o mal) e por vezes nostálgico. A punição no mundo *fake* não funciona, pelo menos enquanto mecanismo de manutenção de uma ordem social. Isso, pois a pessoa “punida, vigiada, condenada ou perseguida” pode se refazer, apagar o perfil ou criar outro e assim conseguir escapar daquilo. É o “paraíso” da liberdade. Nesse sentido, os mecanismos de vigilância, para Foucault, provocam no indivíduo uma sensação de que está sendo vigiado a todo o momento, fazendo com que ele mesmo se vigie e tenha a possibilidade de vigiar os outros. Essa é uma forma de exercer o poder disciplinar. Esse tem como função maior “adestrar” ou “fabricar” indivíduos criando novas formas de comportamento, modelando cada gesto e atitude. Muitas vezes esse poder se faz de maneira invisível, mas ainda sim impõe a cada um o princípio de visibilidade obrigatória: “*é o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, que mantém sujeito o indivíduo disciplinar*” (FOUCAULT, 1977, p.167). Entretanto, para o mundo *fake* o *vigiar e punir* não geraria *corpos dóceis* pois não se tem corpo fixo e exposto, logo a vigilância e a punição são frágeis. Tem-se um *cibercorpo* que pode ser abandonado, reformado, apagado ou recriado, um *cibercorpo* que mina o poder dessa vigilância pois a identidade do *off* está salvaguardada. Toda essa liberação promoveria a exacerbação do descontrole ou, como dissemos, a *radicalização da pluralidade*.

Percebemos que o reconhecimento das identidades *fake* perpassa pela mesma questão, ou seja, a possibilidade de se refazer (para manter o anonimato) flexibiliza a coerção moral. Logo, tem-se o lado positivo e negativo do reconhecimento da identidade no mundo *fake*, mas não temos conseguido enxergar o peso moral desse reconhecimento. Meu *fake* pode ser taxado, criticado, condenado, elogiado, exaltado, perseguido, homenageado ao mesmo tempo, sem que eu me sinta coagido por essa força do reconhecimento ou de sua ausência. Os estigmas que criam sobre meu *fake* não necessariamente terão força coercitiva de me fazer agir de alguma forma, ou seja, de me impelir a mudar e assim fugir do estigma. Por fim, a esfera pública que se conformou funcionou, até então, como o “lugar” onde os *fakes* discutem identidades que eles não davam um reconhecimento satisfatório. No universo *fake* eles vão levando sua vida orkutiana e conforme as chateações e os percalços envolvendo os outros a comunidade funciona para desabafar e problematizar as diversas identidades insurgentes. Logo, como disse um dos participantes: “*os próprios fakes estão montando uma sociedade da*

qual detestam...”. Ou seja, muitos deles “sofrem” com a radicalização da pluralidade que criaram e que ajudam a reproduzir.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. A sociedade em rede. **A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura**. 10 ed., v. 1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

HABERMAS, J. **Direito e Democracia**. v. II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 6 ed. São Paulo: Editora 34, 2007.

LEMONS, André. **Cibercultura**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MARQUES, F. P. J. A. Debates Políticos na Internet: a perspectiva da conversação civil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 12, n. 1, 2006, p. 164-187.

PEREIRA, Cláudia da Silva. Os wannabees e suas tribos: adolescência e distinção na Internet. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 15, n. 2, 2007. [online]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: maio/2008.

SEGATA, Jean. **Lontras e a Construção de Laços no Orkut**. Rio do Sul: Nova Era, 2008.

TAYLOR, Charles. **Argumentos Filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2000.